KURMANN, Peter [1940]. A catedral de Reims. In: : DUBY, Georges (coord.) *A idade média*. Tomo II [Histoire Artisiqye de l'Europe – Le Moyen Âge, 1995]. São Paulo: Paz e Terra, 1998, pp. 226-237.

O TEMA (assunto do texto)

A catedral de Notre-Dame de Reims.

A QUESTÃO proposta pelo autor ou como ele pretende intervir no tema/ área de estudo

Apontar as particularidades de Notre-Dame de Reims, considerando as "condições históricas" que a produziram e o seu "caráter artístico" para, de um lado, mostrar a relação entre suas formas, materialidade e espacialidade com a mentalidade da época – dos reis e da igreja -, de outro, a sua qualidade artística, tanto do ponto de vista da boa execução das tradições quando da invenção de novas formas de decoração escultórica.

O ENFOQUE/ABORDAGEM (descritivo, analítico, crítico, ou seja, maneira ou método de enfocar o tema)

O autor tem uma abordagem descritiva e também analítica. Nota-se um esforço em criar cronologias relativas à história e à construção da catedral, descrevendo cada evento que culminou na forma atual do edifício. Nesse esforço, é interessante notar como um único edifício acumula camadas de tempos, encomendas e raciocínios arquitetônicos e artísticos, fazendo dele, o edifício, o documento principal da análise desenvolvida.

A TESE (proposição que se apresenta ou expõe para ser defendida sobre o tema)

A tese do autor é de que a catedral de Notre-Dame de Reims apresenta-se mais como obra do escultor do que do arquiteto; daí sua extraordinariedade artística: suas características são mais plásticas do que racionais; a invenção escultórica é maior do que a arquitetônica.

AS REFERÊNCIAS documentais[1] e bibliográficas (indicar se há ou não e em caso positivo indicar que tipos de referências documentais e bibliográficas são utilizados pelos autores)

Wilhelm Vöge (p. 227); Documentos de época: "As fontes escritas não nos permitem…" (p. 229); "Esta última é mencionada duas vezes em 1228…" (p. 229); Viollet-le-Duc (p. 236); Fotografias de fachadas e esculturas da catedral e, principalmente, o próprio edifício.

A MANEIRA pela qual a arquitetura é pensada

Ao afirmar que "as condições históricas que produziram essa catedral foram tão extraordinárias como o seu caráter artístico" (p. 227), o autor aponta que está pensando a arquitetura como uma manifestação cultural e também um campo disciplinar específico, que nesse período estava muito articulado com o campo da arte picotórica e escultórica. O autor, portanto, faz um esforço permanente de vincular a produção arquitetônica

[1] São considerados documentos, segundo Jacques Le Goff todas as formas de expressão humana que são "produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. [...] O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias". Ver de Jacques Le Goff o texto Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

(ou, neste caso, plástica) a um cenário histórico, por isso se interessa tanto pela encomenda quanto pelos preceitos artísticos vigentes e aqueles criados no momento.

ARGAN, Giulio Carlo [1909-1992]. A arte gótica. In: História da Arte Italiana. Vol. 1 – Da Antiguidade a Duccio [Storia dell'arte italiana: Dall'antichità a Duccio, 1968]. São Paulo: Cosac Naify, pp. 337-352/imagens 157-171.

Tema (assunto do texto);
O capítulo em questão faz parte do primeiro volume do livro História da Arte Italiana, dedicado ao período da Antiguidade à Idade Média. Trata da arte gótica - mais especificamente sobre o espaço gótico italiano - presente na produção arquitetônica dos séculos XII ao XIV, sobretudo nos edifícios religiosos.

A questão proposta pelo autor ou como ele pretende intervir no tema/ área de estudo;
Para Argan a arte gótica é a primeira manifestação de uma cultura não só ocidental, europeia, mas também burguesa (337). Uma arte que reúne um conjunto de características articuladas: a sua urbanidade; espacialidade e técnica, entendida em termos materiais e construtivos, mas também como idealização "que precede, condiciona e dirige a técnica do fazer" (p.338). Como ele esclarece, no período "já se torna claro que a técnica, como modo de fazer, é apenas um aspecto da ação, intencional e acabada, da ética; e a ação ética é guiada pela razão e pela experiência. É exatamente no período gótico que se começa a 'teorizar' a técnica da arte" (p.338) e que a noção de projeto começa a se delinear.

O enfoque/abordagem (descritivo, analítico, crítico, ou seja, maneira ou método de enfocar o tema);
O texto é predominantemente descritivo e analítico.
Como afirma Lorenzo Mammi, no prefácio da obra, Argan se propõe fazer uma análise formal das obras de arte, buscando significados culturais em sentido amplo, partindo de uma fenomenologia ao invés de uma linguística. Isso significa que Argan se propõe, como historiador e crítico de arte, reconstruir e compreender a unidade original da intuição artística que constituiu determinada obra e, só a partir dessa unidade, num momento posterior, será possível avaliar a esfera de influência cultural dessa obra num sentido mais amplo.
Como esclarece o autor: "Trata-se de estudar a arte por linhas internas, salientando, no entanto, a maneira com que essas linhas se entrelaçam com todos os outros aspectos do fazer coletivo - pensar a arte, em outras palavras, como um sistema específico, mas não autônomo de produção." (p.12)
Essa abordagem é aplicada no capítulo em questão, onde o autor descreve e analisa a arquitetura gótica através de suas linhas internas articulando-as com a sociedade do período, isto é, por meio da compreensão de quais problemas técnicos, culturais e sociais essa arquitetura buscava resolver naquele período.

A tese (proposição que se apresenta ou expõe para ser defendida sobre o tema);
No contexto da obra, a tese do autor relaciona-se diretamente com a questão proposta. Sua tese é de que "a arte italiana é um problema que, como todos os verdadeiros problemas artísticos, permanece mesmo após o desaparecimento da sociedade que a produziu." (p.18), isto é, ela cria um patamar com a qual toda a arte posterior deverá dialogar, daí a relevância de olhar para a arte italiana quando se estuda história da arte.
No capítulo, mais especificamente, a tese do autor é o que justifica a importância de se estudar a arte gótica: seu papel é precursor na teorização da técnica da arte, isto é, na constituição de um novo sistema ocidental, europeu, onde o projeto "é uma técnica do idealizar, que precede, condiciona e dirige a técnica do fazer" (p.338).
"O sistema construtivo gótico é apenas o desenvolvimento, até as últimas consequências, da estrutura românica de abóbada e do equilíbrio de empuxos e reações. Levar um sistema construtivo a esse estágio significa desenvolver, logicamente, todas as duas possibilidades. Sem dúvida, a arquitetura gótica quer desenvolver e exibir o progresso de uma técnica que já é então considerada um dos máximos valores da cultura: o seu virtuosismo é, pois, um caráter positivo." (p.338-339)

As referências documentais e bibliográficas (indicar se há ou não e em caso positivo indicar que tipos de referências documentais e bibliográficas são utilizados pelos autores);

O autor se baseia sobretudo em plantas, cortes e elevações dos edifícios analisados ao longo do texto. Em anexo, várias fotografias do interior e do exterior dos edifícios complementam didaticamente as análises e descrições do texto.
Também cita fonte clássicas como Aristóteles, o historiador italiano Géza de Fràncovich (1902-1996) e figuras atuantes na Itália nos séculos XIII e XIV, como o poeta Dante, o arquiteto e escultor Nicola Pisano, o pintor e arquiteto Giotto, o filósofo São Tomás de Aquino, os arquitetos Benedetto Antelami, Fra Bevignate, Giovanni di Simone e o arquiteto e escultor Arnolfo di Cambio.

A maneira pela qual a arquitetura é pensada;
Argan entende arquitetura como uma obra de arte, entendida de modo abrangente, isto é, como um sistema de produção simbólica que envolve a ideia de projeto não só como manifestação do espírito, mas também como esquema complexo de produção de significados, que envolve uma sociedade inteira. Nas palavras do autor:
"A obra de arte é uma coisa, não apenas um signo; seus elementos constitutivos, como os de todos os objetos reais, são potencialmente infinitos, e todos podem se tornar significativos para uma cultura que atribua valor a ela. A abertura ao máximo do campo do significante garante, na metodologia de Argan, a atualidade da obra: seus diferentes aspectos podem se carregar de sentido, ou perder sentido, à medida que a comunidade de seu público, no decorrer do tempo, atribui a eles um valor. Não é, no entanto, uma atribuição arbitrária. Toda obra é uma tentativa de solução de problemas ao mesmo tempo técnicos, culturais e sociais." (p.10)

A diferença entre os dois textos livros por atividade.

Ambos pensa a arquitetura como uma manifestação cultural em sentido amplo, procurando relacionar os aspectos artísticos e técnicos dos edifícios com a organização social ao longo do tempo, ou seja, dentro do processo histórico do qual faz parte. A diferença é mais de abordagem, pois enquanto Argan constrói um panorama, destacando a importância da arquitetura italiana, Kurmann desenvolve seu artigo a partir de um estudo de caso francês. Além diso, Argan dá mais atenção aos aspectos técnicos e construtivos do que Kurmann que foca suas análises na ornamentação das fachadas, suas esculturas e vitrais.